

O Discurso Solidário Diante das Novas Formas de Subjetivação

Ana Paula Soares Ferreira Melazo

Graduada e mestranda na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, com ênfase em Psicanálise.

End.: R. do Amendoim, 3000, casa 05 - B. Minas Gerais.

CEP: 38402-206 – Uberlândia - MG

E-mail: apsfmelazo@yahoo.com.br

João Luiz Leitão Paravidini

Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, doutor em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas, pós-doutor pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Professor adjunto da Universidade Federal de Uberlândia.

End.: Av. Uirapuru, nº 934 – Bairro Cidade Jardim.

CEP: 38412-166 – Uberlândia - MG

E-mail: paravidini@ufu.br

Resumo

No contexto sociocultural contemporâneo, nas economias política e pulsional, há a prevalência do hedonismo e do imperativo do gozo. A alteridade provoca desconforto no indivíduo, uma vez que gera a instabilidade narcísica do eu. Predomina o veio individualista e narcísico nas relações interpessoais, nas quais o outro se torna objeto. Em paralelo ao processo de subjetivação autocentrado, houve na contemporaneidade um desenvolvimento acelerado de dispositivos técnicos de gestão do Terceiro Setor. Nunca se falou tanto em solidariedade, mesmo diante de uma ausência de laços sociais. A exacerbação do discurso solidário parece indicar um sintoma social daquilo que se vive no campo da subjetividade. Parte-se da ideia de que essa lógica discursiva solidária, na sociedade narcísica, pode indicar a vigência de mecanismos psíquicos na sociedade contemporânea. Para desenvolver tal questão, lançou-se mão do conceito de desamparo, entendendo-o enquanto fonte de perturbações psíquicas, as quais levam a construções subjetivas que visam a evitar a dor. Tomou-se também como central o conceito de soberania, a partir do qual se entende que as subjetividades tendem a escolher e atribuir a uma outra figura onipotente a autoridade sobre si. Porém, na atualidade, com as perdas das figuras de referência central (Deus, Pai, Estado etc.), os sujeitos ficam desamparados e passam a buscar novas figuras com as quais possam se relacionar verticalmente. Em paralelo a isso, evidencia-se uma lógica discursiva, vinculada aos conceitos lacanianos de discurso do mestre e discurso do capitalista, em que os sujeitos da ação solidária podem assumir o lugar de soberania, sustentando um saber e um fazer sobre a dor do outro, ofertando-lhe um destino. Cabe, neste estudo, discutir propostas de enfrentamento desse mecanismo, com a perspectiva de retomada da soberania para as individualidades e de horizontalização dos laços sociais.

Palavras-chave: *Psicanálise, solidariedade, contemporaneidade, desamparo, lógica discursiva.*

The Solidarity Discourse in the face of New Forms of Subjectivation

Abstract

In contemporary sociocultural context and in political and instinctual economies, hedonism and the imperative of enjoyment prevail. Alterity causes discomfort to the individual, since it generates a narcissistic instability of the self. Individualistic and narcissistic perspectives predominate in interpersonal relationships, in which the other becomes object. In parallel to the self-centered subjectivation process, there is, in contemporaneity, an accelerated development of technical devices for the management of the third sector. Solidarity has never been so mentioned, even in the face of the absence of social ties. The exacerbation of solidary speeches seems to indicate a social symptom of what is of the realm of subjectivity. The start point is the idea that this discursive logic of solidarity, in a narcissistic society, may indicate the existence of psychic mechanisms in contemporary society. In order to develop this discussion, the concept of helplessness is employed, understood as a source of psychological disorders, which lead to subjective constructions, intended to avoid pain. In addition, as a central point, the concept of sovereignty is taken, from which it is understood that subjectivities tend to choose and assign another omnipotent figure as having authority over themselves. However, in actuality, with the losses of central reference figures (God, Father, State etc.), individuals tend to feel helpless and start to search for new figures with whom they can relate vertically. In parallel to this, becomes evident a discursive logic, linked to Lacanian concepts of discourse of the master and discourse of the capitalist, in which the subjects of the solidarity action can take the place of sovereignty, sustaining a knowledge and an action in relation to the pain of the other, offering him a destination. Proposals for counteract these mechanisms are discussed, with the prospect of resumption of sovereignty for the individualities and horizontalization of social ties.

Keywords: *Psychoanalysis, solidarity, contemporaneity, helplessness, discursive logic.*

El Discurso Solidario Delante de Nuevas Maneras de Subjetivación

Resumen

En el contexto socio-cultural de la actualidad, en las políticas económicas y la unidad, hay una prevalencia del hedonismo y del imperativo de goce. La alteridad causa malestar en el individuo, ya que genera la inestabilidad del uno narcisista. El individualismo y el narcisismo predominan en las relaciones interpersonales, en el que el otro se convierte en objeto. En paralelo al proceso de auto-centralización de la subjetividad, se ha producido un rápido desarrollo de los dispositivos técnicos para la gestión del Tercer Sector en la actualidad. Nunca se ha hablado tanto en solidaridad mismo delante de la falta de lazos sociales. La exacerbación del discurso solidario parece indicar un síntoma social de lo que vivimos en el campo de la subjetividad. Partimos de la idea de que esta lógica discursiva de la solidaridad en una sociedad narcisista, puede indicar la presencia de mecanismos psíquicos en la sociedad contemporánea. Para desarrollar esa pregunta, utilizamos el concepto de desamparo, entendiéndolo como una fuente de los trastornos mentales, dando hogar a construcciones subjetivas que tienen como objetivo evitar el dolor. Tomamos también como concepto central este de la soberanía, desde el cual se entiende que las subjetividades tienden a elegir y designar a una otra figura omnipotente la autoridad sobre uno mismo. Pero hoy en día, con la pérdida de las figuras centrales de referencia (Dios, Padre, estado, etc), los sujetos se sienten impotentes y pasan a buscar nuevas figuras a las que pueden estar relacionados verticalmente. Paralelo a esto, se pone de manifiesto una lógica discursiva vinculada a los conceptos lacanianos del discurso del amo y el discurso del capitalista, en que el sujeto de la acción conjunta podría tomar el lugar de la soberanía, manteniendo un conocer y un hacer sobre el dolor de los demás, y le ofreciendo un destino. Debemos discutir las propuestas para hacer frente a esta operación, con la perspectiva de recuperar la soberanía de los individuos y el aplanar de los lazos sociales.

Palabras-clave: *Psicoanálisis, la solidaridad y contemporáneo, el desamparo, la lógica discursiva.*

Le Discours Solidaire à Face de les Nouvelles Formes de Subjectivation

Résumé

Dans le cadre des économies politiques et d'entraînement, situées dans un context socio-culturel contemporain, il y a la prévalence de l'hédonisme et l'impératif de jouissance. L'alterité dérange l'individu car elle génère une instabilité narcissiste du soi. L'individualiste et le narcissiste prédominent au sein des relations interpersonnelles, dont l'autre se devient un objet. Parallèlement au processus de subjectivation autocentrée, il y a eu lieu un développement accéléré des dispositifs techniques appliquées à la gestion du Troisième Secteur de nos jours. On n'a jamais parlé tant sur la solidarité, même lorsque les liens sociaux sont absents. L'exacerbation de la parole solidaire semble indiquer un symptôme social de ce qu'on vivre dans le context de la subjectivité. On se repère sur l'idée de que la logique discursive solidaire, dans une société narcissiste, peut indiquer la présence des mécanismes psychiques dans la société contemporaine. Pour développer telle question, nous employons la notion d'impuissance en tant que une source de perturbations psychiques résultant dans des constructions subjectives qui visent à éviter la douleur. Le concept de souveraineté permet comprendre que les subjectivités choisissent autre figure omnipotente pour la autorité sur il meme. Mais aujourd'hui, avec l'affaiblissement des figures centrales de référence (Dieu, le Père, de l'état, etc), les sujets se deviennent impuissants et passent à chercher des nouvelles références avec lesquelles ils peuvent établir des relations verticales. Parallèlement à cela, il devient clair une logique discursive liée aux concepts lacaniens du discours du maître et du discours du capitaliste, dans lesquels l'objet d'une action commune pourrait prendre la place de la souveraineté, le maintien d'un savoir sur la douleur des autres, lui offrant un avenir. Nous devons discuter des propositions pour faire face à cette opération, avec la perspective de la reprise de la souveraineté pour les individus et l'aplatissement des liens sociaux.

Mots-clés: *Psychanalyse, de la solidarité, contemporaine, d'impuissance, la logique discursive.*

Introdução

Muitas, na atualidade, são as situações em que se depara com pessoas e instituições cujo discurso volta-se para a solidariedade e para a responsabilidade social. A quantidade e a diversidade de Organizações Não-Governamentais (ONGs) e de outros tipos de instituições que visam atuar em prol de grupos excluídos, sob algum aspecto, tem sido cada vez mais expressiva. Na condição de estudiosos da psicanálise, esse assunto há muito vem despertando o interesse destes pesquisadores, por suscitar questões importantes relacionadas às formas de agenciamento o agenciamento de ações e proposições destinadas a suprir as necessidades desses excluídos. Tendo em vista determinadas características como o individualismo, o narcisismo e o hedonismo, presentes marcantemente nas formas de subjetivação contemporâneas, pressupõe-se um caminho inverso ao da solidariedade .

O contato com projetos sociais e iniciativas de terceiro setor propiciou o conhecimento de formas específicas de funcionamento prático dessas organizações, como também de uma lógica intrínseca que envolve a formação de laços muito particulares . Diante das percepções sobre a realidade de instituições de cunho social, revelou-se convidativa a realização de um estudo a respeito de tais especificidades , em busca do conhecimento da lógica discursiva que rege as instituições sem fins lucrativos. Se, muitas vezes diz-se que essas instituições funcionam de modo distinto do de uma empresa, devido ao fato de sua missão não ser o lucro, mas o bem do outro, optou-se por tomar como central, nesta investigação, esse ponto diferencial que remete à solidariedade. Nesse sentido, o objetivo, aqui, consiste em buscar, na psicanálise, os elementos teóricos que permitam tracejar algumas proposições a respeito do que possa sustentar a trama discursiva e inconsciente das instituições solidárias, uma vez que nas relações sociais hodiernas percebe-se um grande espaço de admiração pelas iniciativas não lucrativas da sociedade civil organizada.

Foi na sociedade contemporânea que as entidades não lucrativas, cuja missão quase sempre é solidária, nasceram e encontraram solo fértil para reproduzirem-se aceleradamente. Gohn (2000) considera que o denominador comum das ONGs parece ser

a sua natureza jurídica de entidade com fins não lucrativos. A esfera básica de atuação das ONGs sempre foi a da sociedade civil, na qual suas ações se desenvolvem nos campos do assistencialismo (por meio da filantropia), do desenvolvimentismo (mediante programas de cooperação internacional) e da cidadania (por meio das lutas pelos direitos sociais). Toma-se, neste trabalho, o aspecto que está presente na maioria das instituições não lucrativas (com exceção daquelas que nasceram para fins corruptos): a solidariedade à causa que move a instituição. Chama-se aqui de ação solidária toda iniciativa de terceiro setor representada na maioria das vezes pelas ONGs. Não se pretende entrar na discussão relativa aos níveis de atuação das entidades não lucrativas nos campos da cidadania ou do assistencialismo, ou mesmo sobre a honestidade da iniciativa. A ideia do presente trabalho consiste em identificar a solidariedade enquanto lógica discursiva presente nos movimentos contemporâneos de auxílio ao excluído, por intermédio das entidades não lucrativas ou de terceiro setor.

Contudo, não se pode deixar de observar que a implementação maciça de tantas iniciativas desse tipo vem representando, desde a década de 1980, um processo de despolitização social em que as comunidades recebem como serviços aquilo que nem sempre é demandado por elas mesmas. De maneira distinta ao que hoje acontece, nas décadas de 1960 e 1970, movimentos sociais reivindicatórios direcionados ao Estado contavam com a participação política das camadas sociais interessadas. Já na atualidade, a lógica de mercado passou a vigorar com mais força em todo o mundo, de modo que a assistência social é, muitas vezes, terceirizada pelo Estado, o que leva à mobilização de camadas da sociedade civil para a adoção/implementação de iniciativas de cunho privado, lastreadas, contudo, com verbas públicas. Essas iniciativas passam a ser oferecidas à população como serviços que podem ser consumidos, minimizando as possibilidades de participação política. A dimensão do direito e da implicação social parece ceder espaço à passividade e à lógica de mercado, em que a oferta dos serviços e o seu consumo são mais evidentes que a participação social.

Em contexto histórico dessa natureza percebem-se muitas contradições, já que no processo de despolitização social tomaram frente instituições cujo discurso é solidário, mesmo sendo a

sociedade brasileira individualista e consumista. Visando ao entendimento da lógica desenhada nesse contexto político e social, toma-se como referência para este trabalho a psicanálise. Inicia-se a abordagem pela compreensão da aparente contradição percebida entre a atual ênfase na solidariedade e as formas narcísicas de subjetivação vigentes na dita sociedade, transitando-se pelos conceitos de desamparo e de soberania. Ao final, chega-se ao estabelecimento de uma lógica discursiva coerente com a proposta lacaniana dos discursos do mestre e do capitalista.

A Cultura do Narcisismo e o Movimento Solidário

A Psicanálise muito contribuiu para o entendimento das relações sociais, desde o seu nascimento, com suas teorizações sobre o psíquico e sobre o sexual. Entretanto, como explica Peixoto Jr. (2003), vive-se, hoje, em um tipo diferente de sociedade daquela na qual Freud se inseria no final do século XIX e início do século XX. Esse autor discute a questão de não mais ser, na atualidade, a neurose o sintoma predominante, tal como na modernidade, acreditando que se vive um momento em que o sofrimento na cultura relaciona-se àquilo que diz respeito ao laço social, no sentido de posições ocupadas pelos sujeitos em relação ao outro. Nesse contexto, entende-se que o mal-estar é condição humana, irreduzível e insolúvel, e exige renúncia do sujeito para que estabeleça laços. Já o sofrimento é efeito do mal-estar na vivência do laço. Assim, o sofrimento do sujeito é que vai fazer evidenciar as suas formas de manejo psíquico na formação dos laços. Isso abre espaço para um entendimento que leve em conta a interação do sujeito psíquico com o meio que o circunda.

A partir dessa perspectiva, retoma-se a concepção de Freud (1930/1969d), na obra “Mal-estar na Civilização”, de que a humanidade desenvolveu a sociabilidade abrindo mão de suas demandas individuais. Em consonância com o autor, Birman (2005) apresenta a ideia de oscilação entre os polos narcísico e alteritário vinculada às formas como o poder social permite ou não satisfazer as demandas pulsionais. Ou seja, o sujeito pode transitar entre posições

narcisistas ou socialistas a partir do que lhe é demandado pela economia política atual, pelo fluxo de bens e valores no espaço social.

Os modos de subjetivação no contexto sociocultural nacional são marcados, inegavelmente, pelo individualismo e hedonismo, este último um imperativo do gozo associado ao dever de ser feliz. Essa ideia é desenvolvida por Fortes (2004), de maneira a descrever o triunfo do individualismo em comunhão com o consumo e com a demanda incessante de prazer. Pode-se entender que a alteridade provoca desconforto no indivíduo, uma vez que suscita estranhamentos à estabilidade narcísica do eu, e, com efeito, aquele que não consegue ser feliz é visto como um fraco. O que os sujeitos passam a buscar é a felicidade por meio do consumo de produtos que lhes possam oferecer essa garantia. Nesse mercado, muitas vezes, outros seres humanos podem tornar-se objetos de consumo, servindo como instrumento para o prazer egoico daquele que consome, sendo rapidamente descartados, sem a oportunidade de estabelecerem uma relação de alteridade. Tal como Birman (2005) assevera sobre a dualidade da economia pulsional, oscilante entre os polos, Fortes (2004) também localiza os polos hedonista e alteritário nesse mesmo campo, considerando que o primeiro ocorre quando se estabelece uma relação predatória com o outro, e o segundo é aquele que propicia o aparecimento do desejo.

Segundo Fortes (2004), é essa redução da alteridade que ajuda a explicar a fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade. Dessa maneira, “a deterioração dos laços sociais e o imperativo de gozo que marcam a subjetividade contemporânea formam uma das vias pelas quais nos deparamos com o enorme desamparo em que se encontra o sujeito da atualidade.” (p.72)

Birman (2005), discorrendo sobre o assunto, considera os conceitos de cultura do narcisismo e sociedade do espetáculo, articulados, respectivamente, por Christopher Lasch (1979, citado por Birman, 2005, p. 23) e Guy Debord (1992, citado por Birman, 2005, p.23), como instrumentos teóricos fundamentais para ilustrar a dinâmica do desejo na atualidade, em que este sucumbe à exaltação narcísica do eu na demanda de autocentramento e de espetáculo. O autor enfatiza a estetização da existência, de maneira que o que deve ser valorizado para a individualidade é a exaltação do próprio

eu, transformando-o em objeto de admiração do sujeito aos olhos dos outros. Dessa forma, o indivíduo passa a construir polimentos para desembrutecer essa dinâmica e poder ganhar o brilho social sem parecer presunçoso. O lema da existência individual passa a ser, na atualidade, a exibição para a exaltação do eu. Nessa movimentação, a economia narcísica da individualidade é valorizada e incrementada, e a predação do corpo do outro se transforma em hábito, pois o que importa é a individualidade. Depara-se, nesse momento, com a tendência ao desaparecimento das noções de alteridade e reconhecimento da diferença.

Pode-se assegurar que têm sido essas as teorizações sobre o que se tem vivido, de forma generalizada, nas subjetividades contemporâneas. Contudo, o discurso presente na atualidade traz outros pressupostos, baseados sempre na alteridade e na solidariedade. Aqui, pode-se remeter às ideias de Freud e Lacan a respeito da relação do sujeito com o bem e o mal diante da ética da psicanálise. Em seu seminário sobre a ética, Lacan (1986) discute a forma imperativa com que o gozo se apropria do sujeito, independentemente da moral. Ele postula que a ética da psicanálise pressupõe o aparecimento do sujeito e de seu desejo, na dimensão da falta. Contudo, sua contribuição fundamental está em postular o imperativo do gozo para o sujeito, utilizando-se da segunda tópica freudiana para afirmar que não é o prazer aquilo de que o homem deve abrir mão em nome do bem e do convívio social, mas o que torna o homem realmente distante do bem é o gozo mortífero que se repete para além do princípio do prazer e na ausência de qualquer possibilidade de pensamento e na dimensão de tornar-se o falo do Outro. A partir desse pensamento, a psicanálise servirá de duas maneiras: como fundamento teórico para se pensar as contradições que surgem no contexto do discurso que pauta as ações solidárias; e a partir de sua ética, para se pensar na anulação da alteridade e da diferença, presentes, muitas vezes, nas ações solidárias.

Remetendo-se ao discurso solidário, atualmente tão presente na sociedade, pode-se entender que há uma aparente contradição entre essa postura de preocupação com o outro e a sociedade narcísica que a psicanálise leva a compreender. Num olhar mais cuidadoso, percebe-se que muitas vezes a ausência de

participação comunitária e a oferta de serviços prontos, típicos em muitas dessas instituições, podem implicar um ataque à alteridade quando excluem a possibilidade de demanda e de desejo do outro. O que surge aqui é a vivência de um bem absoluto que, segundo Kehl (2002), não se distingue do mal. Ao discutir a ética da psicanálise, a autora dimensiona que a vivência em absoluto do bem ou do mal vem instalar a malignidade, pois é o absoluto que impele os indivíduos para a dimensão mortífera do gozo.

Para além do descentramento do sujeito da razão e da lógica moral, tomam-se por referência as teorizações de Hall (2006) a fim de se entender a constituição do sujeito da pós-modernidade como distinta da do sujeito cartesiano. Na pós-modernidade, passou a vigorar um novo padrão de sujeito, descentrado e isolado, sem uma essência universal ou identidade fixa, mas instável e fragmentada. Nesse contexto, a questão identitária passa a reger muitos dos movimentos sociais antes alimentados pela questão de classe. Os sujeitos são, então, identificados de maneira diluída a causas que podem ora mobilizá-los, ora não lhes despertar interesse.

Vê-se, pois, que faces distintas e contraditórias são postas para o sujeito contemporâneo. Essas contradições podem ser entendidas como o que sustenta a razão cínica na contemporaneidade, em que as identificações são vulneráveis e maleáveis de acordo com os interesses individuais, justificando princípios contraditórios. Safatle (2008) apresenta uma discussão interessante sobre a economia libidinal na contemporaneidade, colocando questões importantes sobre os processos de racionalização social entrelaçados à socialização do desejo. Para ele, a psicanálise atual pauta-se pelo conceito de gozo e não mais pela polaridade prazer-desprazer para entender a economia libidinal. Ele busca associar essa economia aos processos sociais contemporâneos, em que a sociedade do consumo é presente, procurando entender como se dá a economia libidinal diante dos problemas sociais atuais.

Safatle (2008) propõe que se vive em uma sociedade não repressiva, vinculada à universalização das práticas de consumo. De forma que no período da sociedade de produção (moderno), o supereu teria o importante papel de fazer privilegiar o acúmulo,

e, no período da sociedade do consumo (contemporâneo) o que vale é gozar, é consumir. Ele atribui ao supereu a sustentabilidade da conduta econômica dos sujeitos em cada período histórico, afirmando que a incidência social da figura do supereu estava, na modernidade, vinculada à dinâmica libidinal da sociedade de produção por meio da ética do trabalho. Com o esgotamento dessa sociedade, o consumo aparece em todas as formas de interação social e no desenvolvimento subjetivo como problema econômico central. O mundo do consumo pede, a seu ver, uma ética de direito ao gozo e uma regulação desse gozo no interior de um universo mercantil, fazendo com que o processo de socialização do desejo baseado na produção do sentimento de culpa passe a segundo plano na subjetividade contemporânea.

Esse mesmo autor estabelece, de acordo com Lacan, uma contemporaneidade em que não há mais repressão ao gozo, mas que o toma como um imperativo. A obrigação de gozar seria a mola propulsora da sociedade do consumo, de maneira que as imagens ideais já não mais seriam as mesmas, mas se relacionariam àquelas que instrumentalizam seus fantasmas e que se balizam pela exigência do gozo. O declínio da imago paterna abriria espaço para o advento de figuras fantasmáticas de autoridade próximas ao pai primevo do mito freudiano de “Totem e Tabu” (Freud, 1913/1969a), senhor do gozo e adepto à busca de satisfação imediata. A introjeção, na contemporaneidade, não estaria mais vinculada à repressão, mas ao imperativo do gozo, o que passa a ser problemático diante da inviabilidade de satisfação.

Para Safatle (2008), a ironização absoluta dos modos de vida em que os sujeitos são chamados a sustentar identificações irônicas assegura a sua distância em relação àquilo que está representando. O cinismo passa a ser um sintoma de um mundo sem culpa, pois sustenta identificações socialmente disponibilizadas ao mesmo tempo em que ironiza qualquer perenidade, já que o caráter descartável é sempre presente em todos os aspectos da vida. Esse cinismo faz parte de uma dinâmica que nega aquilo a que o próprio indivíduo se vincula, de forma que uma flexibilização das normas ocorre para a suspensão dos conflitos. As normas são seguidas de maneira cínica, justificando o contrário do que parecem afirmar.

Diante dessa dinâmica subjetiva narcísica e cínica, o que fica implícito com o confronto entre o que se formula teoricamente e o que se observa na realidade é que nunca se falou tanto em solidariedade, mesmo em meio a um vazio entre os sujeitos e a uma fluidez de laços sociais. Perante o declínio da alteridade nas formas de subjetivação contemporâneas, a exacerbação do discurso solidário parece indicar um sintoma social do que se vive no campo da subjetividade. Neste, vale-se sempre do uso do outro para a satisfação pulsional, numa captura narcísica, e a manutenção dessa lógica discursiva pode, nesse caso, vir a funcionar como um velamento do que há de verdade nos indivíduos, como uma das possíveis formas de regulação do gozo.

Pode-se entender, diante dessas contradições, que ideias altruístas, tais como as egoístas, estão sempre submetidas à ordem do gozo, e podem vir a silenciar o outro e seu desejo, num contrassenso à ética da psicanálise. É sobre esse engodo que se pretende falar aqui, com vistas a refletir sobre possibilidades de articulações linguageiras que permitam pensar as ações solidárias condizentes com a ética do desejo.

O Desamparo e as Formas de Subjetivação

O paradoxo ao qual está submetido o homem contemporâneo, que pode ser percebido e refletido na dinâmica de instituições solidárias na cultura do individualismo, já era apontado por Freud em suas obras de 1927 e 1930. Em “Mal-estar na Civilização” (Freud, 1930/1969d), o autor descreve a incompatibilidade entre a pulsão e o estabelecimento de laços sociais. Nesse artigo, discorre sobre a necessidade do homem, em seu desenvolvimento ontogenético e filogenético, de abrir mão de sua satisfação individual para relacionar-se com o mundo externo ao ego, com o intuito de se proteger. No entanto, essa movimentação implicaria um prejuízo da satisfação pulsional, em que o sujeito precisaria despende esforços para gerir o mal-estar proveniente desse conflito.

No texto “O Futuro de Uma Ilusão”, por sua vez, Freud (1927/1969c) descreve que há algo certo para a humanidade: a dor do desamparo. A obra desenvolve a ideia de que o homem está sozinho no mundo, sofrendo diante da dura realidade que é estar

destinado à morte e às mazelas da vida, sem proteção que lhe faça escapar desse triste destino. Para amenizar essa dor, Freud supôs que os homens lançam mão de recursos emocionais que os defendem do contato doloroso com a realidade psíquica.

O desamparo seria também, segundo Birman (2006), além de um sintoma produzido na modernidade, uma fonte permanente de criação de perturbações psíquicas, já que a dor que ele acarreta aos sujeitos contraria os preceitos modernos de que o homem poderia obter o controle e o poder sobre o mundo, dominando-o. Nesse contexto, a figura do pai sofreu grandes agressões, e caiu em descrédito. A psicanálise traz a tentativa de restaurar a figura do pai, pois, para Birman (2006, pp. 48-49): “o desamparo, que se encontra no fundamento da subjetividade moderna, é a resultante maior da humilhação imposta à figura do pai na economia psíquica do sujeito”. Assim, o desamparo do sujeito, na modernidade, não existiria apenas em decorrência da morte de Deus, mas também da descrença na proposta de um mundo em fixidez para o enfrentamento da dura realidade de um mundo em plena transformação. Com a morte de Deus, o desamparo se impõe como base existencial da condição humana. Como meio de fuga desse desamparo, o sujeito lança mão de construções subjetivas que visam a evitar a dor assim produzida. O masoquismo, a violência e as diversas formas de servidão e despossessão subjetiva seriam maneiras de buscar dominar o desamparo, mesmo que gerem um preço alto a pagar.

Pensando na questão da lógica discursiva solidária, indaga-se acerca de como os agentes de sua atuação podem se colocar diante do sofrimento do outro, já que se está falando aqui de como o ser humano lida com a dor do desamparo. Os filantropos mobilizam-se perante o sofrimento alheio e buscam alternativas para minimizá-lo. No entanto, está-se falando também de uma sociedade que se vem isolando das relações e das possibilidades de se angustiar. Como se poderia entender a oferta solidária ao outro, realizada pelas entidades não lucrativas, hoje tão em voga? Lança-se mão de uma ideia provocativa: seria, hoje, o discurso solidário o “Prozac social”, oferecendo a ilusão de que os problemas sociais podem ser resolvidos, e de que o sofrimento pode ceder espaço à harmonia? Ademais, a ilusão de que se é capaz de ser potente

diante do impotente pode não só afastar o sofrimento proveniente do desamparo, mas também sustentar a ideia de que a castração estaria apenas do lado do outro.

O sofrimento do outro mobiliza no sujeito a dor de seu próprio desamparo. Minimizando o sofrimento do outro, talvez o sujeito encontre uma forma de anestesiá-lo da angústia diante da própria fragilidade, pois o mergulho na condição social de impotência e vulnerabilidade às vicissitudes da vida faz com que ele entre em contato também com a angústia. Assim como os antidepressivos trazem a falsa sensação de felicidade, pode ser que as ações do terceiro setor, bem como qualquer outro ato de bondade direcionada ao próximo, tragam a ilusão de que se pode fazer algo, de que o sujeito não está à mercê de forças maiores que ele mesmo, e, desse modo, busque apaziguar a sua dor. Nessa ótica, o foco principal da ação seria o próprio eu, por meio da fuga da dor e da potencialização de si, enquanto o outro fica no campo da impotência e da castração. Entende-se esse funcionamento como parte do que se denomina, aqui, de lógica discursiva solidária.

No que diz respeito à questão da mobilização de alguns indivíduos em favor de outros, Birman (2006) retoma o texto de Freud, “Totem e Tabu”, para trazer à discussão o mito fundador da modernidade, no qual um pai tirânico é morto pelos filhos em função de seu poder e gozo pleno contra o qual estes últimos se rebelaram. A partir do parricídio, as questões que se impõem aos sujeitos referem-se à partilha do gozo. Nela, o sujeito abre mão do seu gozo, desde que o outro também o faça. Na ausência de um legislador único e imparcial, a distribuição igualitária dos gozos não foi possível na modernidade, e a desigualdade se manteve. A prioridade passa a ser, para os sujeitos, a garantia do próprio gozo. Com isso, o narcisismo foi incrementado, pois cada um passou a buscar a garantia de si, até mesmo à custa da extorsão do gozo dos outros. Houve, também, uma disseminação da violência, e a crueldade e a destruição ganharam corpo e espaço na subjetividade, sendo legitimadas pelo gozo sem limites, o que é conciliável com a concepção de Nietzsche (1887/2007) a respeito da natureza hostil da humanidade.

A busca da proteção do gozo próprio, mediante subterfúgios

de defesa, ocorre em todas as classes. Todas elas produzem, de formas diferenciadas, algum tipo de violência. Já que a distribuição igualitária do gozo é impossível, é preciso proteger o seu próprio gozo, custe o que custar. Assim, o desamparo, convertido em desolação e masoquismo, leva os sujeitos a buscar o que os salve e ofereça segurança, o que se reafirma no recente crescimento da religiosidade neste País. Contudo, tais subterfúgios trarão sempre uma parcela de violência embutida. Pode ser que o crescimento do discurso solidário também se relacione com a necessidade de autoproteção, uma vez que esse discurso pode oferecer um saber e uma proposta de solução para os problemas que estão postos socialmente, e, com isso, é possível pressupor ainda que esse discurso envolva algum tipo de violência.

Kehl (2002) retoma Freud e Lacan para expressar a impossibilidade de se associar o espaço para a alteridade com o amor ao próximo na mesma medida em que se ama a si mesmo. Para amar o outro como a si mesmo, seria necessário fazer dele uma cópia de si, eliminando qualquer possibilidade de diferença e alteridade. Assim, a relação de amor ao próximo seria uma captura narcísica, na dimensão do gozo.

Essa inviabilidade nas relações fraternais já era apontada por Nietzsche (1887/2007) em “Genealogia da Moral”, em que discorre a respeito da noção de bondade. Como pensador, ele questiona a bondade cristã, acreditando tratar-se de virtude impossível, porquanto precisa ser originada de uma intenção que deve ser esquecida para que seja genuína e elogiada. Nessa perspectiva, assegura que a bondade receitada como remédio seria mais venenosa que o próprio mal a ser combatido. Ao considerar a bondade como imersa em relações de poder, entende que os menos providos de poder seriam exatamente os mais perigosos, pois a impotência e a falta de poder fariam crescer um ódio imenso e apavorante, tornando esse sujeito alguém venenoso.

Seguindo ainda nessa lógica, Nietzsche (1887/2007) chega à conclusão de que o sentido da cultura humana é a domesticação do homem, ou seja, a transformação do animal em um ser pacato e civilizado, sempre a melhorar. Mas, para ele, o sujeito – a ideia daquele indivíduo que é livre para se determinar, agir e autoafirmar

– não existe, é uma invenção humana para criar a ilusão de liberdade e mérito pessoal aos oprimidos e impotentes diante da vida. A bondade, a paciência, a obediência e outras virtudes são malignidade e ódio transformados às avessas por ação humana pela credulidade em uma retribuição benéfica. Nessa ótica, ele acredita numa humanidade iludida e impotente, cuja natureza seria vil e maligna, revestida, porém, de uma polidez necessária, que deu origem aos valores de “bom” e “mau” inexistentes na índole humana.

Nesse ponto, pode-se fazer alusão às discussões de Lacan (1986) em seu seminário sobre a ética da psicanálise, entendendo que o bem não consiste em praticar o altruísmo, mas em reconhecer o desejo do outro. Em sua discussão sobre o amor incondicional ao próximo, fica claro que há gozo nesse ato, já que só se pode praticá-lo fazendo do outro um igual e eliminando qualquer possibilidade de alteridade.

Essa hostilidade e a busca por proteção poderiam incluir, na reflexão em apreço, a ideia de que polimentos para esse ódio seriam necessários. Aqui, se se levar em consideração os pressupostos de Nietzsche (1887/2007) de que há uma natureza vil no humano, e a necessidade humana de manutenção do gozo próprio, discutida aqui por meio das proposições de Birman (2006), Fortes (2004) e Lacan (1986), pode-se supor que a lógica solidária, assim como outros discursos solidários, pode funcionar como uma forma de inversão da violência subjetiva, constituindo-se como um encobrimento. É possível formular, ainda, que ao mesmo tempo em que o discurso solidário pode servir como proteção para o desamparo, ele traz também em si uma violência intrínseca, pois haverá sempre ódio e ressentimento envolvido em sua lógica subjetiva. Dizendo de outro modo, pode-se entender que esse discurso pode constituir-se como um modo de gozar, como qualquer outro criado pelo sujeito contemporâneo.

Aprofundando-se na questão sobre a ausência de um regulador do gozo, Birman (2006) afirma que a condição de ameaça conduziu o sujeito a um impasse: ou ele precisa do outro como um igual para lidar com o sofrimento produzido pelo descentramento e pelo desamparo, ou ele acredita na sua divinização e na sua autossuficiência. É nesse contexto que se encaixa toda a vio-

lência do sujeito, pois a incapacidade de suportar a precariedade e dependência humana levá-lo-ia a um sofrimento constante e à necessidade de manter o próprio gozo, deixando-o na impossibilidade de se relacionar com o outro como igual. Isso leva os sujeitos à violência típica daquele que deteve, no mito da horda primitiva, o acesso a todo o gozo. Contudo, tal violência deve ser encoberta, pois todos os que tiverem a pretensão de funcionar como o pai da horda terão a sua punição por meio da morte.

Resumidamente, pode-se asseverar que se tem um perfil de desamparo para os sujeitos, já que não mais se conta com uma entidade reguladora do gozo. Diante disso, há uma disputa entre os sujeitos em busca da garantia desse gozo, engendrando, narcisicamente, a violência, que, por sua vez, não pode ser evidenciada, mas estará dimensionada no discurso e nas posições subjetivas que os sujeitos passam a assumir, sejam elas passivas ou ativas. Dentro dessa ideia, Birman (2006) fala do masoquismo, condição na qual o sujeito oferece o seu corpo e a sua mente para o domínio do outro, para que faça deles o que quiser, desde que lhe ofereça a proteção para o seu desamparo. E, da mesma forma que o masoquismo pode se dar entre duas pessoas, ele pode também ocorrer entre sujeitos e instituições. O autor menciona que a escolha de sujeitos ou instituições supostamente poderosas, capacitadas a proteger o sujeito em suas relações sociais, é capaz de produzir e reproduzir formas de servidão, dentro da lógica do masoquismo. Por outro lado, há aquele que é colocado como detentor do poder.

No contexto do discurso solidário, a concepção descrita por Birman (2006) pode oferecer alguma compreensão, já que é pela onipotência em dar conta das mazelas do outro que ela pode se efetivar. Tomando-se ainda como referência a discussão efetuada até aqui, entende-se que haverá sempre a presença de uma violência intrínseca. Nesse nível, percebe-se que o mal-estar na atualidade vem assumindo uma direção de proteção do gozo próprio. Assim, a ação solidária poderia ser uma forma de se recusar a posição de desamparo, que, em sua dimensão traumática, imprime dor aos sujeitos. Seria uma saída quando os sujeitos ficassem impossibilitados de criar viabilizações eróticas e sublimatórias para o desamparo. Nesse sentido, pensa-se que, a partir das ideias que se conjuga com Birman e Lacan, a lógica do discurso solidário

tem possibilidade de estar enredada na formação de laços gozosos que alimentam narcisicamente e protegem do desamparo por meio do outro para o benefício próprio, diante da fragilidade e insuficiência humanas. Isso, caso não seja possível articular as ações no campo do outro de maneira a simbolizar o que há de precário em si mesmo e estabelecer laços fraternos nos quais o outro não está posicionado como objeto para o próprio gozo e saber, mas constitui-se como sujeito.

Essas ideias se relacionam diretamente às formas pelas quais se dão as práticas atuais de relacionamento dos sujeitos com o outro. Trata-se de formas imediatas de lidar com as demandas subjetivas que prescindem da simbolização e do contato com a dor do desamparo, e, conseqüentemente, excluem possibilidades de laço social.

Fuga do Traumático

Segundo Herrmann (2003), em seu texto “Psicanálise e Política – no mundo em que vivemos”, os conceitos de cidadania e ativismo ecológico foram banalizados na contemporaneidade, engolfados pela lógica de produção vigente que os utiliza como aparelhos ideológicos. Esses valores são distorcidos, e as ideias de autorrespeito e fraternidade foram abolidas. O autor destaca, ainda, a incapacidade de mobilização coletiva e da manutenção de opiniões, em função de um achatamento da capacidade de pensar, de forma que esta ceda lugar à opinião pública consensual. Herrmann (2003) não trata, ao falar de achatamento da capacidade de pensar, de uma perda de raciocínio ou de qualquer outro tipo de pensamento formal e perceptivo. Ele aborda a incapacidade de pensar sob uma outra perspectiva, transcendente ao mundo cognoscente. Nessa ausência da capacidade de pensar o esquecido do ser, a opinião, segundo o citado autor, tornou-se torcida: o indivíduo limita-se a ser contra ou a favor do que já está estabelecido a priori.

Para Melman (2003), a opinião é aquilo que respal-

da o sujeito na condição atual de não mais receber sua mensagem do Outro. Nessa condição de ter de receber e interpretar a mensagem que vem do Outro, o sujeito precisa se haver com o que esse Outro pode querer para ele, o que traz repercussões subjetivas profundas de trabalho psíquico de simbolização. Já na situação atual, na qual o que se faz presente são opiniões que direcionam o sujeito de forma direta à satisfação sem necessidade de interpretação, estas representam um objeto real e redimem o sujeito do trabalho psíquico de simbolização. Dessa forma, o autor entende que aquilo que antes demandava um trabalho erótico, de intelectualidade e linguagem (por exigir a interpretação da mensagem que vem do Outro), agora passa à exibição imediata do objeto por meio da opinião, o que leva direto à descarga do gozo, sem a possibilidade de erotização e simbolização.

A opinião é, então, a forma que o indivíduo tem para fugir do pensar-se. Para evitar o contato profundo consigo ou com o outro, os sujeitos opinam sobre tudo, de forma enfática, generalizante e certa, como um ato. Refletindo sobre isso, pode-se supor que todo o abandono do qual se falou anteriormente, a partir de Freud, não pode ser pensado: produzem-se atos em seu lugar. Passa-se a se pautar pelas lógicas discursivas vigentes na cultura, e faz-se isso de maneira não calculada, como meio de não se pensar no desamparo e na dor de entrar em contato com a realidade desprotegida. Podem-se articular tais princípios com algumas formas de engendramento da solidariedade, de maneira que, em alguns momentos, dentro desse movimento, possam ocorrer atos puros como impossibilidade de articulação subjetiva, na ausência da falta e do espaço necessário para o surgimento do desejo e, conseqüentemente, do sujeito.

As formas atuais de autoagressão e de desrealização, a dessubstancialização da realidade e o ato no lugar do

pensamento são reflexos dessa dinâmica de funcionamento. Há algo que circula sem que possa ser pensado nem representado. Este algo, no indivíduo, é capturado pelas vias do gozo, levando-o às condições mais extremas de, ao buscar os seus interesses, boicotar-se e criar situações adversas a ele próprio. Ele se subtrai na autoagressão, no desamparo, na violência, na ausência de sentido da vida. Afinal, uma vida sem sentido poderia ser ameaçada sem oferecer riscos de grandes perdas.

Por outro lado, o ensejo coletivo de salvar o mundo também poderia representar uma forma de captura do desejo no campo do narcisismo. Transformar as mazelas do homem numa sociedade igualitária, fraterna e solidária é, ao mesmo tempo, impossível e visado, é a negação do desamparo impensável. Ou seja: poderia ser buscada uma harmonização forçosa e ilusória, adequada aos preceitos sociais, para que a real ameaça pudesse ser aparentemente distanciada, e o narcisismo, preservado.

Pensando-se na questão da solidariedade e na lógica discursiva que a envolve, pode-se supor que o boom de ONGs que têm surgido na contemporaneidade insere-se e utiliza-se dessa dinâmica que tem atravessado os sujeitos. São questões que estão para além dos interesses financeiros e lucrativos, e vinculam-se ao que há de subjetivo e doloroso para o humano, tornando-o incapaz de pensar, e parecem relacionarem-se a essa forma de anestesiá-lo contra o desamparo.

Segundo Birman (2006), no lugar das antigas modalidades de sofrimento centradas no conflito psíquico, decorrentes das interdições morais, o sofrimento e o mal-estar evidenciam-se, agora, nos registros do corpo, da ação e do sentimento. Para ele, com relação ao corpo, este seria a última possibilidade de fuga do psiquismo, de maneira que, antes disso, seriam os sentimentos e a ação os veículos de

descarga do mal-estar decorrente do desamparo. No que diz respeito à ação, a hiperatividade se impõe, de forma que os sujeitos ajam sem pensar em direção àquilo a que visam com ela. As individualidades seriam tomadas pelo excesso que impele para a ação impensada. Caso não haja tal saída, o sujeito fica inundado pela angústia. Diante disso, a descarga desse excesso é imposta por meio de explosões emocionais incontrolláveis, situação da qual decorre um dos maiores problemas sociais na atualidade: a violência.

Da mesma forma, a compulsão seria uma modalidade de agir, mas se daria pela repetição em virtude do não alcance de seu objetivo pelo sujeito (que é se proteger do que há de traumático). Os excessos pulsionais não representados buscariam, então, hierarquicamente, escoar-se pela ação, e caso não fosse possível, o escoamento se daria pelo corpo. Birman (2006) explica essa hierarquia utilizando-se do conceito de narcisismo, pois é ele que impõe ao sujeito a sua preservação, de forma que o indivíduo prefira explodir a implodir. Ele destaca, no registro da ação, a diferenciação entre a passagem ao ato e o acting-out. A diferença está na fragilidade ou ausência da simbolização típicas da passagem ao ato. Neste, o ato não revela qualquer rastro de simbolização. Já no acting-out, esta estaria presente. Da mesma forma, no registro da corporeidade, a conversão histórica pressupõe simbolização, mas no estresse, nas formações psicossomáticas e no pânico, há uma ausência desta.

Birman (2006) refere-se à ausência do pensamento em todos os registros apontados, alegando que o pensamento fica incapaz de funcionar e o modelo conflitual da subjetividade fica inoperante. Seria o pensamento o que possibilitaria ao sujeito superar o sofrimento produzido pela conflitualidade, mas, na atualidade, nem um nem outro se fazem presentes em quaisquer dos registros descritos. Nesse aspecto, é possível se pensar sobre a questão das entidades

solidárias, uma vez que o tipo de mecanismo descrito acima pode fazer-se presente em sua dinâmica, já que se considera aqui a lógica discursiva solidária como aquela que se constitui como possibilidade de existência diante do desamparo e do que há de traumático para o psiquismo.

Para descrever a questão do traumático, Birman (2006) retoma a perda da referência da soberania do Estado-nação e do descentramento do poder, entendendo que essas alterações provocaram efeitos na forma como as subjetividades se ordenam. O termo soberanias é colocado no plural para aludir, exatamente, à questão da centralidade do poder. Pois dizer soberanias pressupõe um descentramento do poder, caracterizando uma multiplicidade e uma pluralidade. E isso implica dizer que o poder, desde a modernidade, não se restringe mais ao Estado-nação, tendo sido redistribuído para a totalidade do espaço social, também no campo da sociedade civil, de acordo com os princípios neoliberais contemporâneos. É na sociedade civil que, agora, se realiza uma politização em que o poder é investido em movimentos sociais pelas diferentes comunidades que os sustentam. Aqui, se contextualizam as organizações sem fins lucrativos, que partem sempre da iniciativa da sociedade civil organizada, em lugar de da primazia do Estado.

A vinculação entre a ausência do poder central de um soberano e a consequente incapacidade dos sujeitos de se vincularem aos outros se dá em função de, como Freud descreveu sobre as massas em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921/1969b), não haver um líder com o qual os iguais se relacionem verticalmente, e do qual esperem amor por igual para todos, para que possam, então, relacionar-se horizontalmente entre si, numa partilha igualitária. Para que essa relação horizontal exista, necessariamente há de haver uma vinculação vertical dos seus membros com um líder, o soberano. Seria a perda da verticalidade que provoca-

ria a angústia do real e o pânico nas individualidades. Diante dessa situação, os sujeitos poderiam decidir-se por um outro soberano para, por meio do desalento, fugirem do desamparo. Ou, por outro lado, poderiam também criar novas formas de horizontalidades calcadas na sua condição do desamparo e de singularidade diante do soberano. O que acontece, na atualidade, é que, na incapacidade subjetiva de pensamento e de enfrentamento do desamparo, os sujeitos são levados a verticalizar as relações que deveriam ser horizontais e, com isso, recriam, de maneira imaginária, os soberanos.

A partir dessas lógicas da subjetivação contemporâneas, pode-se reforçar que o mal-estar na atualidade assume características eminentemente traumáticas. Isso porque os sujeitos ficam incapazes de sinalizar e antecipar o perigo pela ausência da angústia-sinal, estando submetidos à experiência psíquica de morte. Por essa razão é que surge a impossibilidade de pensar e a conseqüente recorrência ao ato.

O importante é que se saiba utilizar as relações horizontais de poder, em vez de se ficar entregues ao pânico das massas que perderam a proteção da figura central do soberano. A ideia é se poder sair da condição anônima de massa para se singularizar no campo da multidão. O que se propõe não é atribuir a soberania a um outro, mas retomá-la para as individualidades, para que se possa sair da desposseção de si mesmo e se singularizar.

As condições traumáticas desenvolvidas por Freud e discutidas por Birman (2006) acenam com uma importante questão que diz respeito ao sofrimento e suas possibilidades de articulação no psiquismo do sujeito contemporâneo. De acordo com Maia (2002), a passagem da modernidade para a pós-modernidade pressupôs novas formas de subjetivação, trazendo embutida em si a característica da denegação das impurezas e da negatividade. A fragmentação, a contin-

gência e a superficialidade passaram a imperar nas formas de ser do sujeito, como sintomas da modernidade. Nesse contexto, a autora propõe a clivagem narcísica como sendo uma possibilidade de os sujeitos se protegerem do império das imagens, eliminando o sofrimento.

No ideário pós-moderno há pouca tolerância à infelicidade, e os processos de luto levam o sujeito ao abortamento de partes afetivas importantes, dentre elas a angústia. Esta, mesmo na função de proteção do psiquismo diante do traumático, é hoje alvo da busca por apacramento. O resultado disso é a exposição dos sujeitos a vivências traumáticas psicológicas, de modo que a angústia apareça não como um processo antecipatório, mas como angústia de morte. As configurações subjetivas são de terror e de medo de aniquilamento, havendo o rebaixamento do pensamento crítico, e o aparecimento da singularidade do sujeito passa a ser entendido como sintoma (Maia, 2002).

Nesses processos, o mecanismo psíquico presente é o de incorporação, e não de introjeção, uma vez que, na condição traumática em que o objeto é ausente, o sujeito fica incapaz de introjetá-lo, passando a executar uma operação de reparação, instalando, magicamente, o objeto no interior do psiquismo. Com isso, há um esmagamento do eu para um engrandecimento do objeto incorporado. A clivagem narcísica distancia o que há de inaceitável para que o objeto incorporado possa permanecer, delimitando uma realidade psíquica que não admite a dialética nem o sofrimento. Assim, a clivagem narcísica e a incorporação passam a ser, no mundo contemporâneo, formas comuns de se lidar com o traumático. (Maia, 2003)

Levando esses processos psíquicos em consideração, tal como os conceitos de passagem ao ato e de soberania, discutidos por Birman (2006), pode-se mencionar que é nesse aspecto de fuga do traumático que se está

situando a questão da lógica discursiva solidária. Parte-se do entendimento de que as condições traumáticas do desamparo levam os sujeitos a se defender por meio da clivagem narcísica em que, eliminando as contradições, a impotência e o sofrimento, o sujeito estabelece um saber e um fazer com a dor do outro, de maneira a utilizar os polimentos da solidariedade e da caridade para ofertar a este outro um destino, tal como um mestre conhecedor exerce seu senhorio sobre o seu subalterno. Empurrados pela dimensão do desamparo diante da perda do soberano, todos são levados à prática de ações que não se pode pensar ou simbolizar.

O que está em questão, aqui, são as formas pelas quais os sujeitos se articulam e se subjetivam na contemporaneidade. Do mesmo modo como as dependências ou as compulsões aparecem como símbolos cotidianos dessas formas de subjetivação, a lógica discursiva solidária pode, também, engendrar o aspecto repetitivo que se desencadeia na atualidade como virtualização do que há de traumático para o psiquismo.

A Lógica dos Discursos na Ação Solidária

Desenvolveu-se, até aqui, as ideias expostas por Freud (1927/1969c; 1930/1969d) de que o homem vive em desamparo e, por consequência disso, promove a criação de ilusões tranquilizadoras, vinculadas ao boom de instituições não lucrativas que vêm surgindo no contexto atual deste País. A partir da discussão sobre o isolamento dos indivíduos diante do contato com o sofrimento, pode-se pensar aqui nas formas como uma lógica discursiva solidária pode sustentar as ações do terceiro setor no momento contemporâneo, pautado pelo narcisismo e pelo individualismo.

A ausência de soberania e o desamparo parecem promover no humano uma necessidade de fuga do traumático, de maneira a leva-los a sempre buscar autoproteção,

usando, para esse fim, o outro como objeto de gozo. Essa movimentação psíquica dá-se por meio de produções ou atos discursivos que, no caso da ação solidária, vinculam-se à lógica da solidariedade. Nesse aspecto, a dimensão de discurso introduzida por Lacan (1970/1992) no Seminário XVII, “O Avesso da Psicanálise”, poderá auxiliar no entendimento de como se dá a sustentação dessa lógica.

Seguindo-se a proposta teórica aqui discutida, pode-se asseverar que a relação igualitária entre os sujeitos seria possível, se submetida à soberania de um líder superior. Porém, essa conjuntura é insustentável na contemporaneidade, tendo em vista o incontornável esvaziamento do discurso do Outro em razão das perdas de referências de Deus, do pai e do Estado como regulador do gozo. Em suma, com o neoliberalismo e a globalização contemporâneos tais referências se perderam. Apesar disso, Birman (2006), ao eleger o conceito de masoquismo como presente em todas as estruturas, induz a se pensar que, de uma forma ou de outra, os sujeitos sempre buscam um novo senhor a quem servir como forma de fugir ao seu desamparo. Sob esse aspecto, pode-se remeter a lógica discursiva solidária aos processos contemporâneos de subjetivação, já que se fala de uma situação em que há um terceiro setor que vem para substituir o Estado no momento em que este já não mais consegue sustentar-se como soberano. De acordo com a lógica do masoquismo, este suplente do Estado traria, tal como um senhor, um saber e um fazer que poderiam solucionar as mazelas existentes no campo social, sendo que os seus usuários se colocariam servilmente a seu dispor. Nesse prisma, aproxima-se, aqui, do que Lacan denominou como discurso do mestre .

A proposta lacaniana é uma tentativa de simbolização do real por intermédio da escrita, de modo que se possam apreender as posições em que se colocam os sujeitos em

relação ao gozo. Numa intenção sucinta e mais descritiva desse discurso, entende-se que o sujeito ocupa o lugar de primazia do saber e do poder, numa posição de afastamento da castração. Nessa posição, o sujeito é mestre, e aparenta ter, para o outro, todas as respostas para a questão da castração, mas, ao mesmo tempo, mantém o espaço da falta, que fica do lado do outro, que passa a ter que trabalhar para produzir saberes para o mestre, sem o direito de acesso à produção. Esse excesso, representado pelo objeto a, é oferecido ao mestre, de modo que ao outro resta tê-lo como causa do desejo. O sujeito fica, assim, numa condição de poder diante do outro (Souza, 2003). Essa parece ser uma posição muito próxima àquela sustentada pelo discurso solidário, na medida em que é com a resposta que dão ao outro, num lugar de saber, que os sujeitos da ação solidária se mantêm. Desse modo, pode-se supor que é como soberano que o discurso solidário se coloca numa posição em que possui um saber/poder do qual o outro necessita, e, para obtê-lo, deverá se submeter como escravo, numa condição masoquista.

Apesar de o discurso do mestre oferecer uma noção interessante e altamente relacionada ao discurso solidário, é no discurso do capitalista que existe a possibilidade de se encontrar o caráter subversivo da formação dos laços sociais. Parece que será ainda mais útil o enunciado acerca desse quinto discurso que Lacan propôs como exceção aos descritos anteriormente, classificados como os discursos radicais. Nele, Lacan busca pelo lugar da psicanálise na cultura ou na política, e a posição política do analista.

Efetuando-se, a partir do discurso do mestre, um deslocamento somente no lado esquerdo do matema, invertendo-se as posições de S1 e \$, chega-se ao discurso capitalista. Trata-se de um discurso que remete às formas contemporâneas de laço social, em que a lógica de merca-

do invade o sujeito. Nele, há uma subversão da relação do sujeito com o Saber. Se antes o S ujeito não tinha acesso ao Saber e ao objeto a, causa do desejo, agora, o Saber adquire o estatuto de bem de consumo, acessível, oferecendo a promessa de satisfação para o sujeito. Pode-se advogar que o Saber (S2) perde o vínculo com o inconsciente e transforma-se em mercadoria e objeto de consumo. O não-saber não é aqui uma impossibilidade estrutural, mas transforma-se em falta de informação. Nesse discurso, o sujeito crê que por meio do Saber poderá comandar o objeto mais-de-gozar, e estabelece-se uma relação direta entre \$ e a, sendo que o primeiro passa a ser o consumidor do objeto a, utilizando-se do Saber (S2), na posição do outro, para acessá-lo e usá-lo como quiser. A referida subversão está na acessibilidade do objeto a, que fica assujeitado ao Saber, às técnicas de produção e às leis do mercado (Souza, 2003).

O \$, nesse discurso, não aparece como falta que conduz ao desejo e ao sintoma, mas como rejeição da castração em todos os campos do simbólico. O sujeito perde a sua relação com o inconsciente, tal como ocorre com o Saber, virando também objeto de consumo, sujeito às leis do mercado e da produção. Essa parece ser a lógica contemporânea dos laços sociais, cuja discussão feita anteriormente fica exposta por meio do imperativo do gozo individual e do uso do outro para alcançá-lo. O escravo do discurso do mestre torna-se aqui proletário, distraído pelo mestre por meio do trabalho e pelo acesso que pode ter ao que é produzido. Porém, há sempre a má distribuição do gozo, e o sujeito lança mão de suas reivindicações, atribuindo ao outro a culpa por aquilo que lhe é retirado, como forma de reclamação à função paterna, por sua fragilidade no que diz respeito à autoridade. Segundo Souza (2003), esse discurso retrata um caráter de aversão ao Pai. Os sujeitos, por sua vez, sempre proletários, disputam entre si o acesso ao gozo.

Esse discurso pode ilustrar bem a condição do homem contemporâneo, que não acessa a sua própria falta, mas busca no outro/objeto o suprimento daquilo que lhe pode dar a sensação de cumprimento da promessa de completude suposta e imposta pelo supereu. Nesse caso, pode-se articular a lógica solidária a esse funcionamento, se se pensar que o outro da ação solidária passa a ser objeto de consumo, por meio do que se pode garantir a posição de poder e supremacia àquele que exerce o bem. Essa condição de uso do outro como objeto e meio de uso e acesso ao gozo pode estar presente no discurso solidário como forma de manutenção de sua lógica, já que pode garantir ao sujeito o afastamento da condição de castração.

A rápida descrição desses discursos propostos por Lacan (1970/1992) serve aqui para a discussão do discurso solidário, uma vez que as relações de gozo, típicas de cada um dos discursos lacanianos, podem remeter às formas como se dão os laços sociais no assunto que aqui se busca entender. Essas possibilidades de articulação do discurso solidário com os discursos do mestre e do capitalista são levantadas aqui como forma de se ampliar o rol teórico no qual a ação solidária pode ser entendida.

Considerações Finais

Ao longo do texto, algumas hipóteses foram estruturadas, levando-se em conta sempre os pressupostos da psicanálise. Os principais pontos levantados dizem respeito ao desamparo constitutivo que leva o sujeito a adotar formas sempre narcísicas de gestão do mal-estar. Nesse enredo, o que há de traumático ao psiquismo também parece ser de grande influência, embutindo nos sujeitos a busca por formas de fuga, bem como a busca pelo gozo. Nesse sentido, toma-se o discurso solidário como uma possível construção

social contemporânea, originada como mecanismo de proteção contra a incidência disso que é inevitável aos sujeitos. A autopotencialização dos sujeitos da ação solidária parece constituir-se como fator importante de afastamento das próprias impotências, mas, ao mesmo tempo, um provocador de dependência masoquista. Esses e outros elementos apontados aqui levantam questões importantes sobre a natureza da ação solidária. Contudo, não cabe ao psicanalista questionar-se se deve ou não haver programas sociais de terceiro setor, ou entrar no mérito de suas ações, por não se tratar de questão pertinente a sua atuação. O que se propõe é que se possa pensar nas formas de subjetivação contemporâneas e considerá-las sob o prisma da realidade que se constrói à volta dos indivíduos.

Birman (2006) propõe, como saída para os impasses do masoquismo e da servidão, uma posição feminina, entendendo-a como uma característica particular do cuidado com o outro, da fraternidade, enquanto que a perspectiva do gozo fálico cega o sujeito para esse tipo de experiência. A ideia é que o laço fraternal seria uma forma fundamental de existência, embora pareça sempre encontrar a possibilidade de existência entre os fracos e excluídos, pois a fraternidade seria a marca da precariedade e da ausência de poder.

Nesse ponto, relembram-se os preceitos de Nietzsche (1887/2007) sobre o exercício da bondade: ela é exercício de poder e retrato às avessas do ódio e do ressentimento. Para ele, não há natureza benéfica nesse tipo de ação, já que ela desvaloriza o menos empoderado e faz perpetuar a superioridade daquele que é nobre e autossuficiente. Nesse sentido, Birman (2006) faz uma primeira observação de que só é possível haver fraternidade quando o sujeito consegue reconhecer-se como alguém que não é autossuficiente. Somente na condição de não suficiência é que o sujeito poderia reconhecer o outro como igual. Mas, na subjetivação

contemporânea, promovida pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo, a marca maior é exatamente a da autossuficiência, o que, relacionado à proposta lacaniana dos discursos, acarretou a necessidade de se pormenorizar algumas dessas dimensões presentes nos discursos do capitalista e do mestre. Para se chegar à fraternidade, segundo Birman (2006), seria exigido um trabalho de esvaziamento dessa pretensão, em que se verificaria a precariedade do sujeito e a sua demanda pelo outro. Na dimensão da ética da psicanálise, seria preciso, segundo Kehl (2002), o abandono da dimensão do gozo e a inserção do princípio da realidade, princípio do prazer possível, a partir da articulação do desejo com o pensamento e com as marcas do real.

Assim, o que se propõe, aqui, a partir do escopo teórico psicanalítico, é contextualizar teoricamente as instituições solidárias, no que se refere às formas de subjetivação contemporâneas, para se compreender que tipos de articulações subjetivas se podem almejar e concretizar no contato com esse tipo de instituição que é hoje tão presente na cultura nacional.

Referências

- Birman, J. (2005). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (5a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fortes, I. (2004). O sofrimento na cultura atual: Hedonismo versus alteridade. In C. A. Peixoto Jr. (Org.). *Formas de Subjetivação* (pp. 69-93). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Freud, S. (1969a). *Totem e tabu* [CD-Rom] (Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1913).

- Freud, S. (1969b). *Psicologia de grupo e análise do ego* [CD-Rom] (Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1969c). *O Futuro de Uma Ilusão* [CD-Rom] (Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (1969d). *Mal-estar na Civilização* [CD-Rom] (Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1930).
- Gohn, M. G. (2000). *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. São Paulo: Cortez.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11a ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Herrmann, F. (2003). Psicanálise e Política: No mundo em que vivemos. *Revista Trieb da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, II(2)*, 235-263.
- Kehl, M. R. (2002). Por que articular ética e psicanálise? In M. R. Kehl (Org.), *Sobre ética e psicanálise* (pp. 7-38). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1986). *O Seminário: Livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário: Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1970).
- Maia, M. S. (2002). Angústia de vida e angústia de morte: Sobre os processos de subjetivação e contemporaneidade. In V. L. Besset (Org.), *Angústia* (pp. 89-103). São Paulo: Escuta.
- Maia, M. S. (2003a). Quando o trauma se constitui como violência: O trauma dessubjetivante. In M. S. Maia (Org.), *Extremos da alma* (pp. 145-176). Rio de Janeiro: Garamond.
- Melman, C. (2003b). *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre, RS: CMC.

Nietzsche, F. (2007). *Genealogia da moral* (A. C. Braga, Trad.). São Paulo: Escala (Originalmente publicado em 1887).

Peixoto, C. A., Jr. (2003). Uma breve leitura do sintoma social dominante na atualidade. In A. Márcia (Org.), *Soberanias* (pp. 49-57). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Safatle, V. P. (2008). Por uma crítica da economia libidinal. *Psicanálise e Cultura*, 31(46), 16-26.

Souza, A. (2003). *Os discursos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Recebido em 13 de abril de 2010

Aceito em 01 de agosto de 2011

Revisado em 16 de Janeiro de 2012